

VEÍCULO #6

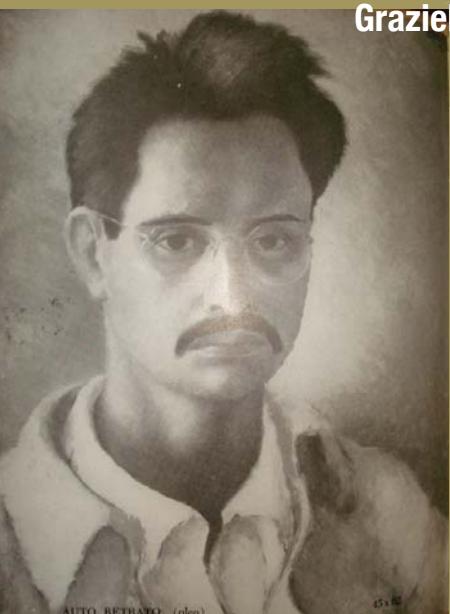
ProC0a2014

Projeto Circuito Outubro aberto outubro 2014



CARLOS DASILVAPRADO

Graziela Naclério Forte



SELO Olivio Guedes

ESPAÇO AMARELO ARTE CULTURA

Acervo IAED e NACLA - Hércilio Silva



FórumMuBE | Arte | Hoje | FLUXUS

NACLA - nucleo arte cultura latino americana - conceito de laboratório - espaço de pesquisa - transferência do saber - oficinas - campo germinador de projetos - publicação - arte como instrumento ativo - núcleo - centro de produções - plataforma experimental - filme - arte móvel - arte a rolo - vídeo - mídia - arte pública - aulas - encontro - NACLA - núcleo de arte cultura latinoamericana - conceito de laboratorio - espacio de investigación - transferencia de conocimiento - talleres - campo de proyectos - publicaciones - arte

SELO

Olívio Guedes - supervisor curatorial ProCOA, estudioso, pesquisador e atuante no campo das artes plásticas

SELO COMO FACE DO ARTISTA, FACE A REVELAÇÃO, O SEMBLANTE.

O SEMBLANTE ENQUANTO ROSTO REPRESENTA PARTE DO CORPO HUMANO, QUE NO ESTADO É O PRÓPRIO ARTISTA.

ARTISTA DE ARS, ARTESÃO, ASSIM: CRIAÇÃO.

Selo como face do artista, face a revelação, o semelhante. O semelhante enquanto rosto representa parte do corpo humano, que no estado é o próprio artista. Artista de Ars, artesão, assim: criação.

O artista no contemporâneo é e está performático. Onde a arte é o todo, mas o todo não é arte! O artista revelador de sua autonomia se expõe com sua face/selo onde apresenta sua assinatura, esta 'asignatura' transporta a marca *realizatória*. Expondo sua metalinguagem em questões reais.

A metalinguagem como *hyperlink* se modifica no virtual, atingindo assim: o Real. A composição, que é realizadora, marca a compreensão dos estados, níveis de saberes, níveis de conhecimento, existindo através destes estados, os níveis de consciência são e estão alterados.

A ARTE IMPRESSA, A ARTE REAL, TRANSFIGURA SUA ORIGEM, SENDO A COISA QUE SE TORNA OBJETO E O MESMO EXISTE EM OBRA. ESTA OBRA EM SUA CONCEPTUALIZAÇÃO TEM PERTINÊNCIA AO ESCOLHIDO. A GEOMETRIA DESTE DESENVOLVIMENTO COMPREENDE O MOVIMENTO CRIACIONAL QUE ESTÁ CADA VEZ MAIS CONSCIENTE NO HOJE-CONTEMPORÂNEO, QUE QUALIFICA DENTRO DA QUANTIDADE UM ESTADO DE MISTÉRIO, PORÉM, SEMIÓTICO, EMBASADO PELO ESTADO DE CONSCIÊNCIA QUE A AMNÉSIA TORNARÁ CONTA O PRESENTE MOMENTO DA CRIAÇÃO.

O modelo identificador do gênero humano não se torna diáfano no sistema multiverso, que só pode ser tratado em plenitude.

A correspondência da consciência só é autêntica no estar vivo. Mas por vezes o vivo não está consciente! Este estado de 'pulsar' que poderá documentar o estado de propriedade ao ter ciência do estigma, ou chancela de seu material realizado em determinado suporte que adesivará seu *modus* linguístico.

Esta propriedade inviolável torna-se, ao sistema social, a condução da obra de arte, hoje não tão dependente de sua localização.

O modelo figurado se representa como protetor de um ato de criação, 'chancelando' a efígie característica do estar a par com o conceito metafísico e se transporá no físico assim, seu caminho será selado, mas no contínuo desaparecerá. Este estado participante coloca o todo de forma facetada, mas seus ingredientes comporão um movimento do instantâneo claro e sensível, com isto, o ser estará artista no pós-contemporâneo.

Este estado caracterizado vinga com conteúdo pertinente ao momento factual que publica o sistema humano e suas lateralidades. Correspondendo a uma superfície esférica de autonomia e autoria marcante. Assim, este relevo assiste figurativamente em realidade!

A *metaexistência* artística compõe o caminhar transdisciplinar ilimitado. A interlaboração manifesta poéticas em cenas museográficas diferenciadas, com isto alterando seu campo expandido onde as instituições renovam seus *status* e o conteúdo é pertinente à criação *extática*.

As práticas são processos midiáticos, com efeito-causa causa-efeito, partindo da expressividade dos conceitos de integração atemporais. Propostas renovam e inovam interações *fruidoras*, alcançando momentos antropológicos.



ITINERARIUS

percurso, caminho a seguir, ou seguido para ir de um lugar a outro
indicação de todas as estações que se encontram no trajeto...
descrição de viagem relativo as estradas, aos caminhos.

fonte: dicionário Houaiss



FórumMuBE | Arte | Hoje | FLUXOS

Reflexões sobre as intersecções da arte em um território transdisciplinar, colaborativo, estabelecendo espaços possíveis para novos paradigmas da arte contemporânea.

FLUXOS - ITINERARIUS V - Refletir as possíveis inter-relações entre arte e processos criativos em fluxos utilizando as plataformas da criação no hoje

Palestrantes:

- Patrícia Mota - Editora de Gravuras
- Rosana do Conti - Impressora
- Lucia Py - Artista Plástica - "Obras interdependentes - Fluxo em estado de arte, herança dos anos 60"
- Olívio Guedes - Diretor MuBE

mediação: Cildo Oliveira - artista visual.

Todo o Fórum será gravado e colocado no site do Museu para que um maior número de pessoas tenha acesso aos conteúdos debatidos.

dia 06 de outubro de 2014 - segunda-feira - 14hs -17h - Auditório

EVENTO GRATUITO - Inscrições: cursos@mube.art.br

LOCAL: MuBE - Museu Brasileiro da Escultura - Av. Europa, 218 - São Paulo - SP

Entrada pela Rua Alemanha, 221 - **Fone: 2594-2601 - www.mube.art.br**

Acessibilidade a deficientes

organização: Alex Souza, Cildo Oliveira, David Mota, Nathalia Bevilacqua, Olívio Guedes, Regina Azevedo, Wilton Rodrigues.

apoio

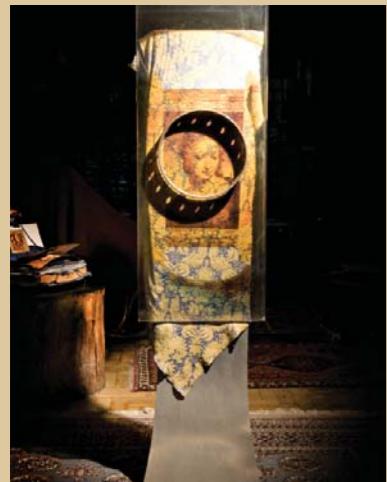


VEÍCULO#6 ProCOA2014 - conselho editorial: O. Guedes, L. Py, C. Oliveira, M. Nunes, R. Azevedo • coordenação geral: L. Py • coordenação / produção: C. Gebeale, C. Ohassi • apoio: D. Penteado • projeto gráfico: C. Ohassi • revisão: A. Jardim • Veículo #6 - distribuição gratuita - tiragem: 1000 exemplares - impressão: Gráfica EGB - papel couche 115g • procoaoutubroaberto.blogspot.com.br • edição virtual dos Veículos estão disponíveis para download no www.livro-virtual.org.

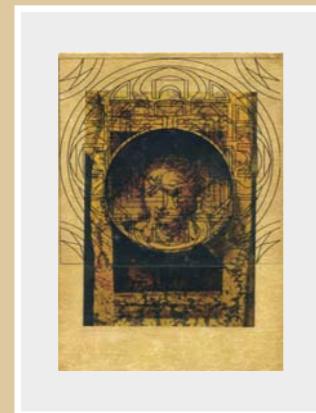
apoio:

- Impressão das gravuras - série especial ProCOA

LUCIA PY - Procura o ponto perfeito na união do material bastardo com o nobre - a pesquisa e o fascínio da dialética dos opostos - a alquimia do convívio - a interação das diferenças.



A Visitante - objeto-arte
madeira, acrílico, alumínio, tecido - 0.48 x 2.0m



série: As Visitantes
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal



selo - Correios do Brasil

MONICA NUNES - Quando pássaros por aqui e seus armários; recortados, relidos, colados, paisagem ons..



Instalação Quando Pássaros
Tendal da Lapa - São Paulo - SP



série: OM
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal



selo - Correios do Brasil

CILDO OLIVEIRA - Mergulho em águas de rios volucres, buscando nas suas profundidades, memórias míticas, histórias reinventadas em apropriações e multiplicidades simultâneas.



Mural - Painel Tangará - 2.72 x 4.40m



série Tangará
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



selo - Correios do Brasil



Cartão Postal

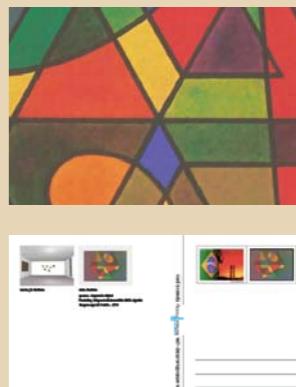
HERÁCIO SILVA - Do mundo das ideias traz a semente e insemina o solo da poiesis. Cultiva e colhe formas e cores em poemas visuais.



Instalação UmKubo



série: UmKubo
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014

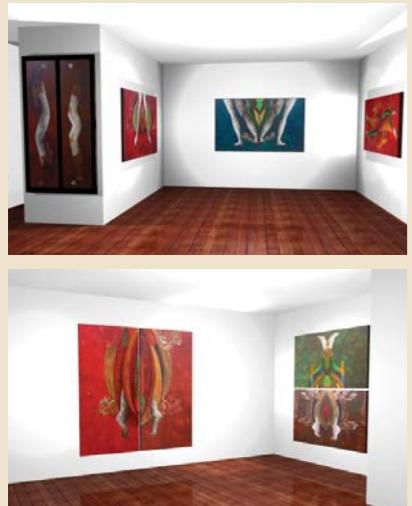


Cartão Postal

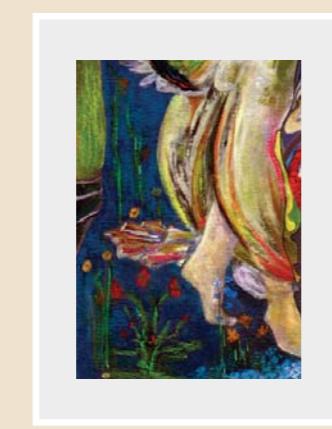


selo - Correios do Brasil

CARMEN GEBAILÉ - Idas/Vindas...marcados passos...nos jardins lembrados ...dançar queriam...



Simulação - série E o Sr. Fez - Florespernas



série E o Sr. Fez - Florespernas
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal



selo - Correios do Brasil

CHRISTINA PARISI - Me expresso através de diferentes técnicas, traduzindo o mundo de paisagens e horizontes internos e externos, em uma signagem abstrata e geométrica. Utilizo elementos da natureza e da paisagem construída como parte primordial da formação de minha obra.



série "Paisagem: florais"
pintura sobre tela / técnica mista - 1.0m x 0.80m (cada)
painel - 2.0 x 2.4m composto por 6 telas



série "Paisagem: florais"
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal

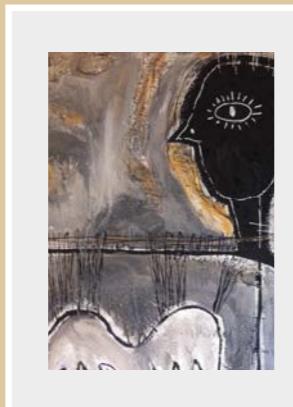


selo - Correios do Brasil

DUDA PENTEADO - Trabalhando na recuperação do inconsciente voluntário, reconstruo a história, a "memória perdida", cheia de referências, símbolos e signos. Através desta jornada recupero a minha identidade, primeiramente de cidadão brasileiro e, depois, de cidadão global.



Instalação Fragmentos e Raízes
Simulação



série: Marionete - gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal

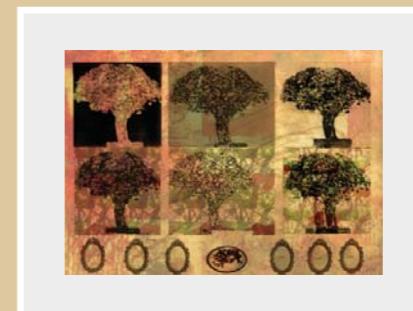


selo - Correios do Brasil

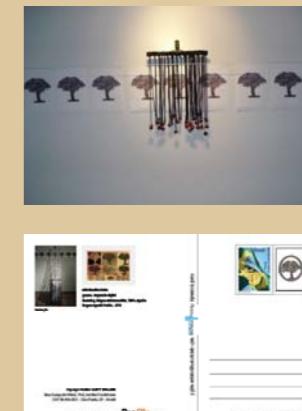
LUCY SALLES - Percorre o território da memória, colhendo histórias, hábitos e interesses de suas antecessoras, na construção afetiva de uma árvore genealógica com laços e nós que unem ou separam essas gerações femininas.



Instalação



série Benditos frutos
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal

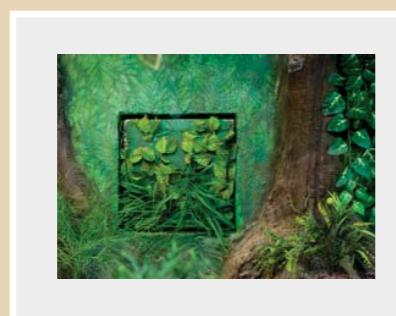


selo - Correios do Brasil

LUCIANA MENDONÇA - Busca, na fotografia, a imagem que ressoa, a uma vez, concreta e onírica, objetiva e subjetiva; rastro de um vivido e anúncio de um devir.



"Formas curiosas de respirar"
Espaço Contraponto, 2012
vídeo: Flávia Tojal - duração: 4min 46s.



série aberta: Natureza Humana, 2010.
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



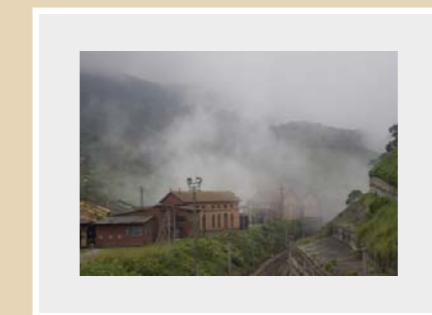
Cartão Postal



selo - Correios do Brasil



Fotografias que integram o livro
Paranapiacaba, Imagens Poéticas
Formato do livro: 0.25m x 0.20m



série Imagens Poéticas
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal

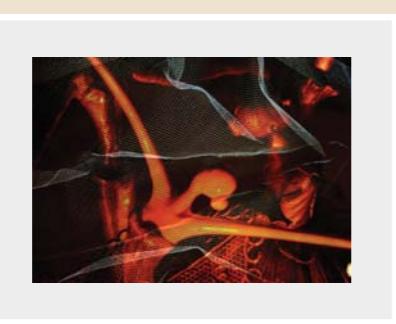


selo - Correios do Brasil

GERSONY SILVA - Quando até as paralisadas presenças se movimentam sob meu olhar.



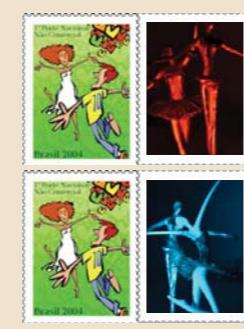
Paralisadas presenças
vídeo: 30s



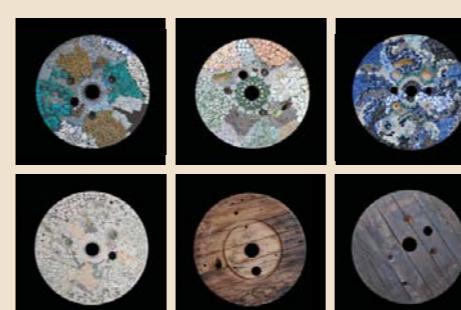
série Paralisadas presenças
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal



selo - Correios do Brasil



série: Rotundas
Mosaico - madeira, cerâmica, metal, ferro, porcelana,
acrílico - diâmetro 0,65cm



série Rotunda - Turquesa
gravura - impressão digital
tiragem especial ProCOa - 2014



Cartão Postal



selo - Correios do Brasil

Heráclio Silva - Atua como diretor cultural do acervo IAED e Espaço Amarelo - Arte e Cultura. Bacharel em Design pela Univali-BC/SC, especializou-se na técnica de fundição para escultura-jóia e trabalha com várias técnicas experimentais no Hoje.



EM SÃO PAULO, NA RUA JOSÉ MARIA LISBOA, NO MIOLO DO JARDINS, A CASA AMARELA, UM CONDOMÍNIO QUE AGREGA 5 PONTOS DE CONVÍVIO CONTEMPORÂNEO: O PONTO SOLIDÁRIO, O ACERVO IAED, O ESPAÇO AMARELO ARTE CULTURA, O MUSEU XINGU E O PRECIOSO CAFÉ DA CASA.
É UM ESPAÇO DO NOVO TEMPO QUE ACONTECE EM SÃO PAULO INAUGURADO EM FEVEREIRO DE 2012.



Dirigido por Odile Sarue, trata-se da Associação Ponto Solidário, organização não governamental que divulga e coloca à venda artesanatos produzidos por diversas etnias brasileiras, como os Yanomami, que vivem na Amazônia, os Mehinako e os Waurá, ambas do Alto Xingu, estado do Mato Grosso e os Karajá do Tocantins.

Além do artesanato indígena, mais de 130 cooperativas e comunidades de artesãos expõem suas produções na associação. São entidades de diversos estados do Brasil que produzem suas peças a partir de diversas matérias primas, naturais ou reaproveitadas: de cestarias e bolsas de capim dourado a luminárias de bagaço de cana ou saco de cimento. E muito mais: sapatinhos de látex, bailarinas de palha de milho, tapetes feitos com fio de lã de carneiro com fiação manual, toalhas e mantas tecidas artesanalmente com fios de PET; porta-joias de casca de laranja; panelas de barro e a incrível cerâmica do Vale do Jequitinhonha. Dentre as exclusividades estão os sabonetes de babaçu produzidos no Maranhão e a Canjinjim, bebida artesanal muito utilizada em festas religiosas, com propriedades afrodisíacas e produzida por uma comunidade quilombola do Mato Grosso desde o período colonial. É o tempo histórico ainda vivo acontecendo em São Paulo.



Acervo IAED - Instituto de Arte Educação e Desenvolvimento

é um acervo formado ao longo dos últimos 60 anos por **Fernando Heráclio e Catherine Young Silva**, casal ligado a questões da educação e da cultura brasileira. Na década de 1950, a família (o casal e 4 filhos) moradores na rua Groenlândia, São Paulo, fizeram de uma moradia familiar a casa aberta ao convívio com os artistas e coletaram parte de uma produção cultural do momento.

As obras colecionadas - cerca de 1200 - junto com a coleção de artefatos indígenas de Orlando Villas-Bôas - cerca de 150 peças - e de artefatos de arte africana (paixão do casal), mais tarde foram tombadas e incorporadas ao negócio da família (Instituto de Idiomas Yázigi), formando assim o Acervo Yázigi - salas de arte contemporânea - sala de coleção indígena e sala dos artefatos africanos.

O **Espaço Cultural Yázigi**, e o tombamento de seu Acervo, sob curadoria de Lucia Py, foi criado neste momento e mantinha a relação de arte e cultura com a rede.

Em 2011, com a venda do negócio da família, o que era o Instituto de Idiomas Yázigi passa a ser o Instituto de Arte Educação e Desenvolvimento - IAED e o Acervo passa a se intitular Acervo IAED.

O casal Fernando Heráclio e Catherine Young Silva entenderam que família, educação, arte, cultura, coleção, negócios e preservação era a marca que inaugurava um novo tempo. Em 2014, a Casa Amarela e os 5 pontos de convivência localizados em São Paulo confirmam a visão do casal.



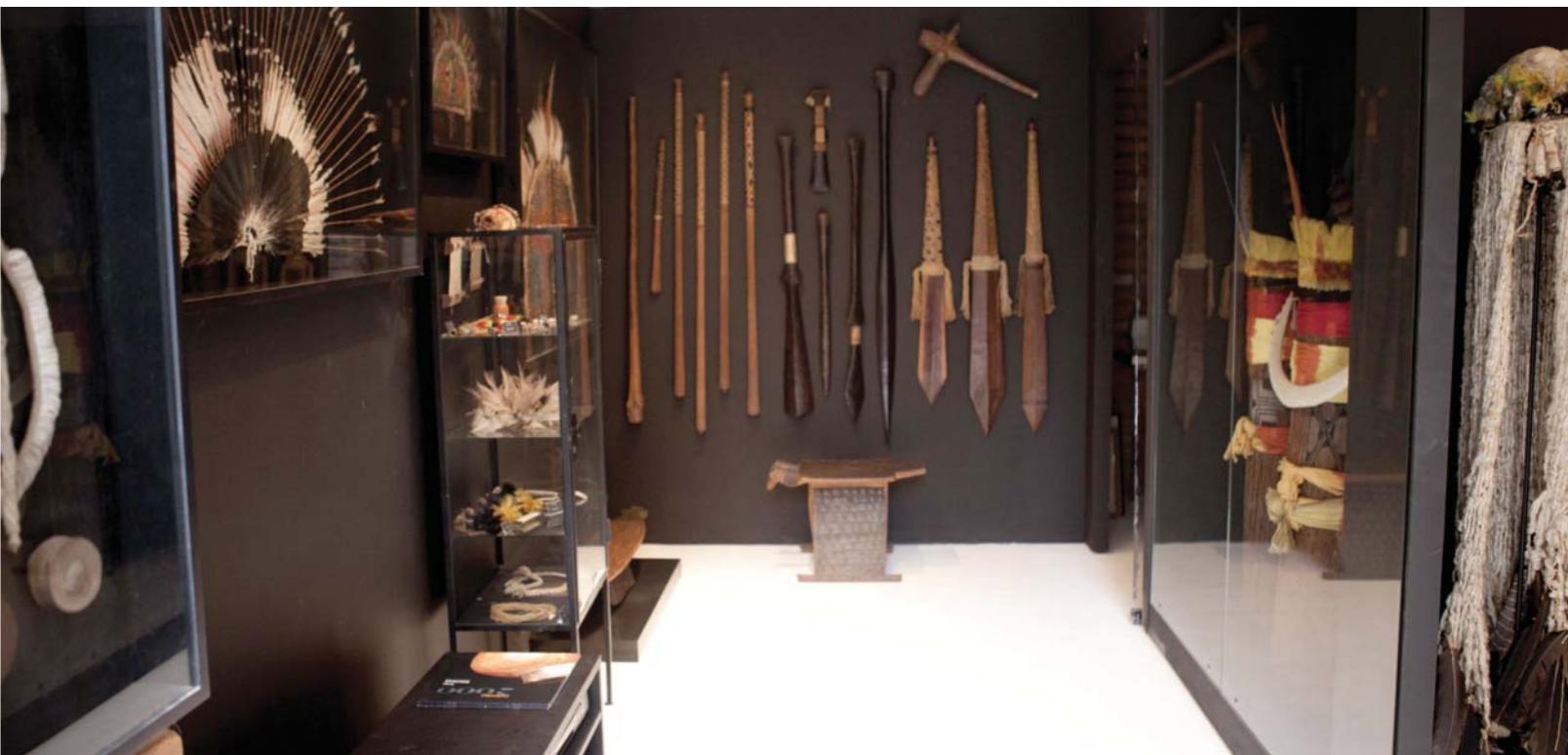
café da casa

O **Café da Casa**, aberto em 2012, é um espaço de interação e pausa na **Casa Amarela**. Situado entre o Ponto Solidário e o Espaço Amarelo, configura um ambiente que permite reflexão e conversas informais.

No **Café da Casa** é possível observar a interação entre a arte contemporânea promovida pelo Espaço Amarelo e o artesanato popular do Ponto Solidário. O **Café da Casa** se transforma em um momento-lugar de encontro e parada, gerenciado por **Luiza Burleigh**. Esses tempos podem ser recheados por bolos caseiros, doces e salgados diversos, bebidas de café, chás, cervejas especiais e outros quitutes.



Ponto solidário - Acervo IAED - Café da Casa - Museu Xingu - Espaço Amarelo - NACLA - Ponto solidário Acervo IAED - Café da Casa - Museu Xingu - Espaço Amarelo TERRITÓRIO DE CONVIVÊNCIA CONTEMPORÂNEO



A Sala Xingu - Coleção Irmãos Villas-Bôas foi adquirida em 1978, por Fernando Silva, presidente do Instituto de Idiomas Yázigi e Sociedade de Proteção ao Meio Ambiente de Ilhabela. Em exposição permanente na sede nacional do Yázigi, a coleção participou de diversas exposições temporárias. Em 1987, a Sala Xingu foi reformada e ambientada pelos arquitetos Antonio Marcos Silva e Fábio Mazoli, dando mais destaque às 114 peças coletadas entre as décadas de 1940 a 1960 pelos Irmãos Villas-Bôas. Hoje fazem parte da coleção 116 peças, sendo 4 peças adquiridas recentemente e duas peças extraviadas da coleção original.



De acordo com o historiador e crítico de arte Mário Pedrosa, as formas produzidas pelos indígenas nascem da **“Alegria de Viver e da Alegria de Criar”**. Cerca de 100 peças variadas – instrumentos e objetos de vários usos – confeccionadas com fibras, argila, madeira, pedras e decoradas com urucum e jenipapo, ilustram magnificamente a mostra permanente do Xingu. É um Brasil aberto às suas raízes primordiais, localizado em São Paulo.

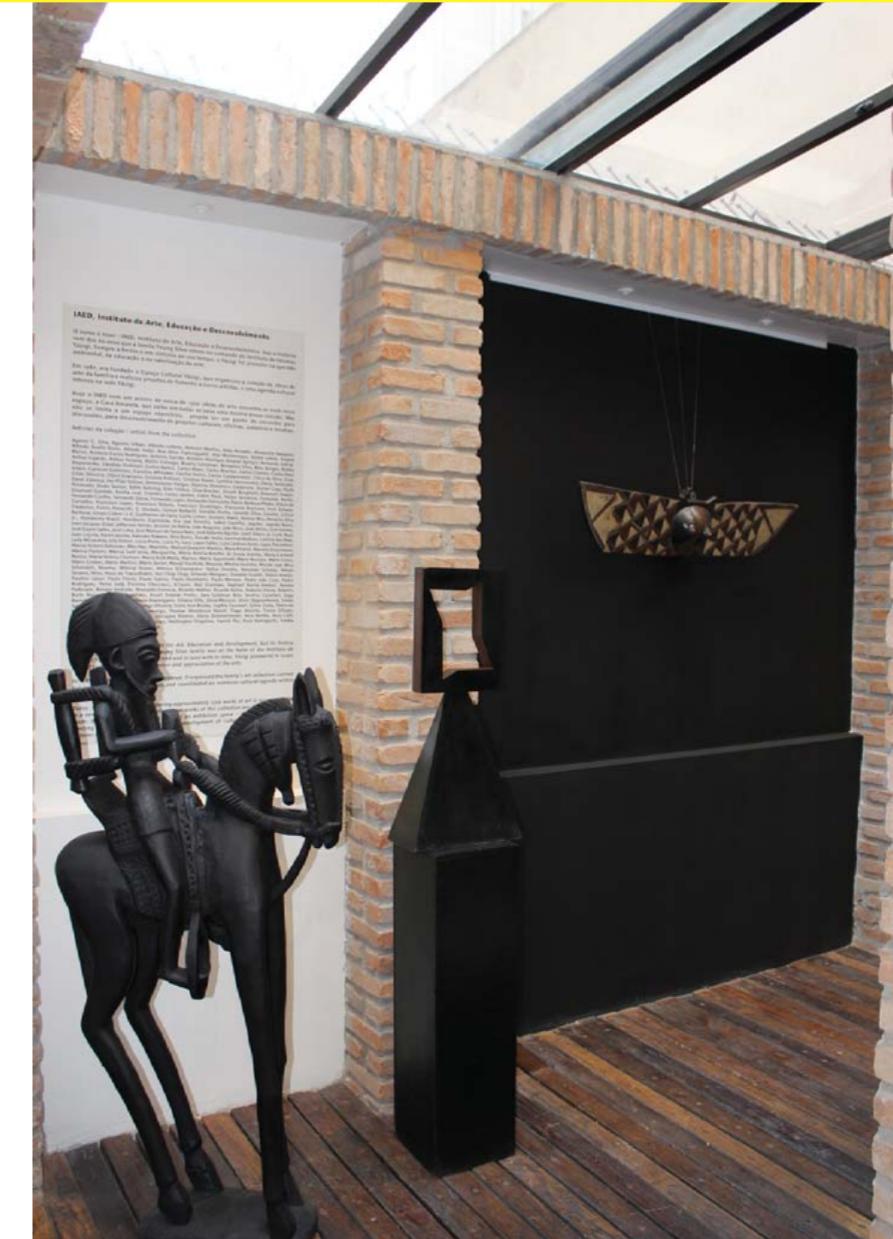
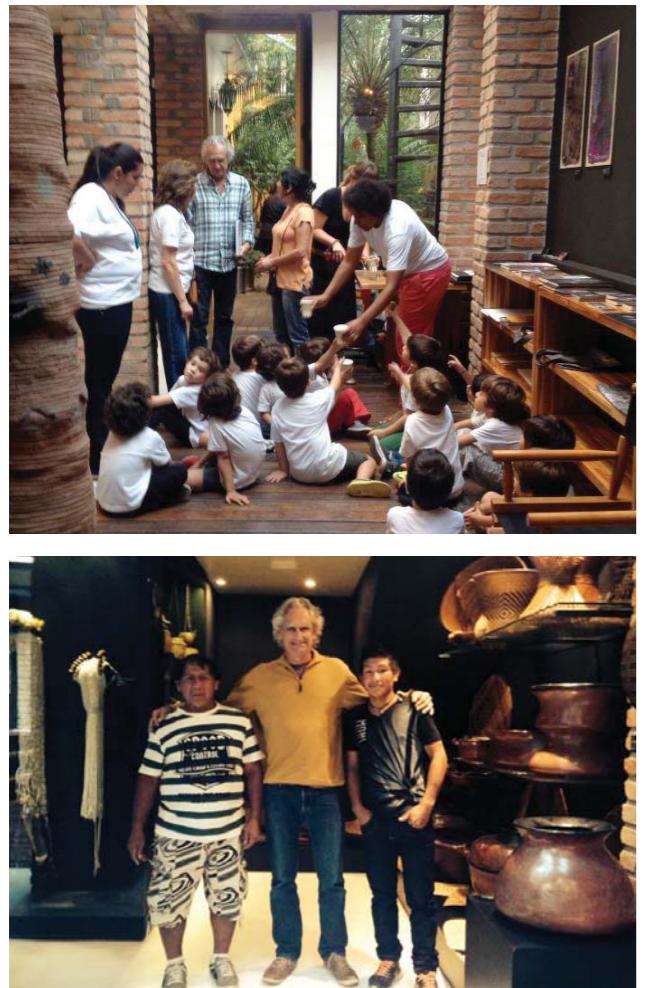
“Recebe visitação de brasileiros e estrangeiros inclusive representantes da comunidade indígena”.



ASSIM COMO O ACERVO YÁZIGI PASSOU A SER NOMEADO POR ACERVO IAED, O ESPAÇO CULTURAL YÁZIGI PASSOU A SER O **ESPAÇO AMARELO ARTE CULTURA**.

O ESPAÇO AMARELO ARTE CULTURA ESTÁ SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO HERÁCLIO SILVA JUNIOR E CONTA COM OS RESTAURADORES MARCELO FERREIRA E MAYRA REBELLATO.

É A ÁREA DA CASA AMARELA QUE EXERCE ATIVIDADES CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS - EXPOSIÇÕES, PALESTRAS, ENCONTROS, OFICINAS E VISITAS MONITORADAS PARA ESCOLAS, SENDO AO MESMO TEMPO RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO IAED E DO MUSEU XINGU.



"Todo evento traz uma atividade paralela; palestras, oficinas, encontros, etc. Tudo é documentado e registrado, num sistema de gravação interna".

H. Silva

Abrindo uma integração com a América Latina, o **Espaço Amarelo** fez uma parceria com o **NACLA - Núcleo de Arte Latino Americana**, inaugurando um novo tempo, uma nova história, mantendo a tradição familiar de acreditar na convivência de arte e cultura e a transculturalidade como patrimônio da identidade de uma nação integrada ao seu continente latino-americano.



"Durante a semana do Dia do Museu - 18 de maio - nós promovemos o restauro aberto, o próprio espaço expositivo é transformado numa sala de restauro. Participaram, nesta semana, os restauradores Marcelo Ferreira e Mayra Rebellato

H. Silva

ESPAÇO AMARELO: Visitas Monitoradas Agendadas ao Acervo IAED e Museu Xingu - Terça a Sexta das 14hs às 18:30 com permanência até as 19hs. Sábado das 10hs as 15hs com permanência até as 16hs. [contato@espacoamarelo.com](mailto: contato@espacoamarelo.com) - (11) 3884-8627 • **PONTO SOLIDÁRIO:** de segunda a sexta das 10 às 19h, aos sábados das 10 às 16h • **CAFÉ DA CASA:** Horário de Funcionamento da Casa: de segunda a sexta das 10h às 19h e sábado das 10h às 16h • Mais informações: www.espacoamarelo.com - Rua José Maria Lisboa, 838, Jardim Paulista - São Paulo, SP - cep: 01423-002 (Estacionamento no local)



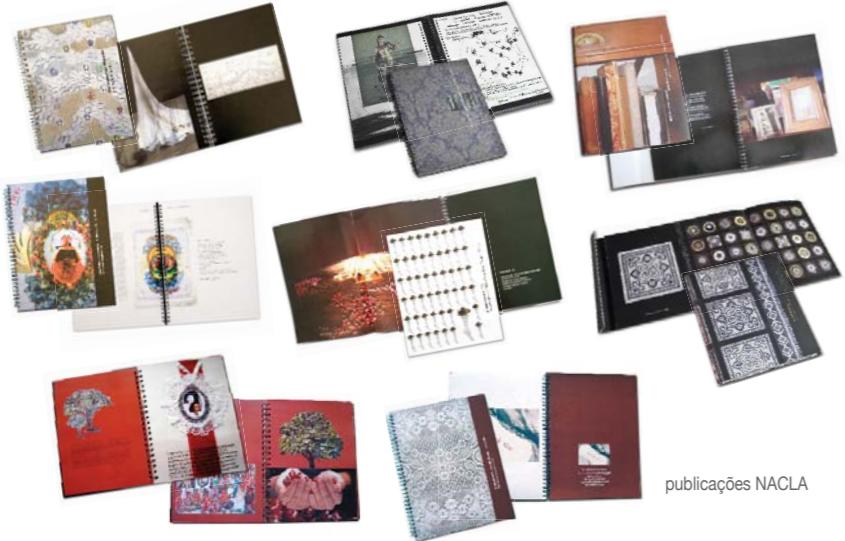
NACLA - NÚCLEO ARTE CULTURA LATINO AMERICANA - SONHO DE RISOLETA CÓRDULA (1937 - 2009) NA INTEGRAÇÃO CULTURAL DA AMÉRICA LATINA, É UM ESPAÇO DEDICADO AO DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS E AÇÕES DE ARTE E CULTURA, QUE QUEIRAM EXPRESSAR, SOBRETUDO, A ATUALIDADE CULTURAL DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA NAS AMÉRICAS.

O NACLA pretende divulgar esses valores através de intercâmbios, participando do contexto global da arte, como um espaço de pesquisas, estudos, reflexão, documentação, irradiações, e publicações que se referem a diferentes contextos, culturais e de raízes americanas. NACLA tem o conceito de laboratório e transferência do saber - "Saber só não basta - é preciso mostrar". (Juan José Saer)

É um espaço de atuação híbrida, de recebimentos, distribuição, colaboração, convivência e parcerias.

Desde 2012 mantém parceria com o Espaço Amarelo Arte e Cultura, responsável pelo acervo do IAED - Instituto de Arte Educação e Desenvolvimento.

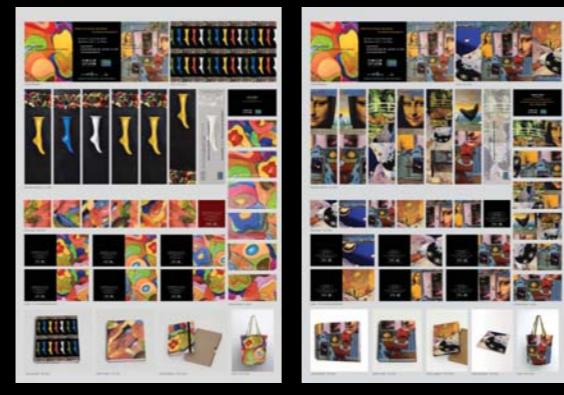
O NACLA desenvolveu, com o apoio do ProCOa (Projeto Circuito Outubro Aberto), dos grupos de estudos Nasquartas e grupo de trabalho do Espaço Amarelo, o Projeto O Nome Não Dado - I - II - III - IV - V e publicações.



Sobre um nome não dado, fronteiras devidas, um conjunto de exposições, que marcaram a atividade do Espaço Amarelo e do NACLA - 2012 /2014 - tendo como intenção discutir o novo tempo na questão da reproduzibilidade da obra de arte.

Palestras, exposições, publicações e irradiações completam o trabalho dos artistas de refletirem na procura de dar um nome a esta nova produção cultural que usa a arte computadorizada e matrizes várias, aplicadas na impressão digital.

A proposta continua em 2015 com outros artistas dando prosseguimento à reflexão **"Sobre um nome não dado, fronteiras devidas"**.



irradiações

SOBRE UM NOME NÃO DADO, FRONTEIRAS DEVIDAS

I - RELATOS DE SI - CENAS

LUCIA PY - **CENA 14-04** - De onde vieram?
CILDO OLIVEIRA - **CENA 16-01** - Leão do Norte
data: de 13/11/2012 à 15/01/2013.

PALESTRAS: Histórico da Glatt & Ymagos com Patrícia Motta • A construção simbólica no hoje. O processo criativo, sua trajetória: da pesquisa à produção com Cildo Oliveira e Lucia Py • Ferramentas Digitais com Cristiane Ohassi • Simbiose entre a arte digital e plástica com Tales Dias • Artphoto printing impressão digital com Rosana de Conti e Sergio Carvalho • A Gravura no Acervo IAED com Heráclio Silva.

I - FRAGMENTOS & RAÍZES

DUDA PENTEADO - **CENA I** - O inconsciente involuntário
HERÁCIO SILVA - **CENA II** - UmKubo
data: de 08/10/2013 à 02/11/2013.

PALESTRAS: Silk Monotype - um tributo a Sheila Marbian em Nova York com Duda Penteado • A trajetória da serigrafia/silkscreen ao digital com Heráclio Silva.

III - FRONTEIRAS DEVIDAS

CARMEN GEBALE - **CENA I** - Quando se fia uma vida andante...
MONICA NUNES - **CENA II** - Quando pássaros
data: de 13/11/2012 à 15/01/2013.

PALESTRAS: "Sobre um nome não dado, fronteiras devidas... Quando se fia uma vida andante... Quando Pássaros... com Olivio Guedes • A estética nos dias de hoje com o Prof. Antonio Santoro Junior • O Dono das Flores - Oficina Expositiva com Carmen Gebale • Das coisas nascem, as coisas com Monica Nunes.

IV - FRONTEIRAS DEVIDAS

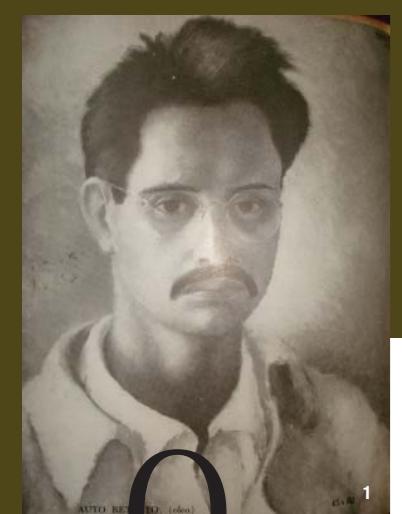
GERSONY SILVA - **CENA I** - Pendulando na dança do tempo
LUCIANA MENDONÇA - **CENA II** - Sonha bonito
data: de 20/03/2014 à 11/04/2014.

PALESTRAS: As formas de expressão da fotografia com Prof. Marcelo Greco • Superfície, movimento e dança com Prof. Luciano Migliaccio • Trajetória das artistas com Luciana Mendonça e Gersony Silva.

V - FRONTEIRAS DEVIDAS

OLIVIO GUEDES - **CENA 23-07** - O Destino do Improvável
REGINA AZEVEDO - **CENA 13-09** - TARÔ-ROTA-ATOR: Inconscientes Caminhos
data: de 17/04/2014 à 09/05/2014.

PALESTRAS: Resignificando o Tarô com Regina Azevedo • O Destino do Improvável com Olivio Guedes • Tarô: linguagens Simbólicas com Betôh Simonsen • O tarô de Blake e a origem da ideia como ato criador com Donny Correia.



A TRAJETÓRIA DE CARLOS DA SILVA PRADO

Graziela Naclério Forte - Doutora pela Universidade de Campinas (2014) e Mestre pela Universidade de São Paulo (2008), pesquisa temas relacionados à política nas artes e modernismo. Autora da dissertação *CAM e SPAM: Arte, Política e Sociedade na São Paulo Moderna*, São Paulo, USP, 2008; e da tese intitulada *Carlos Prado: Trajetória de um Modernista Aristocrata*, Campinas, Unicamp, 2014.



Quando comecei a pesquisar o Clube de Artistas Modernos (CAM), agrimação cultural fundada na capital paulista, em 1932, por Flávio de Carvalho, Antônio Gomide, Di Cavalcanti e Carlos Prado foi fácil perceber que sobre os três primeiros há muitos livros, artigos e os mais diversos estudos acadêmicos; enquanto que apenas alguns historiadores da arte brasileira destacavam a obra social de Carlos da Silva Prado e mais nada.

Aos poucos fui encontrando trabalhos de autoria dele nos acervos das Pinacotecas Municipal e do Estado, do Museu de Arte de São Paulo (MASP), do Museu de Arte Contemporânea (MAC) e da Coleção Mário de Andrade, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Totalmente por acaso, ao folhear um livro sobre o Acervo do Governo do Estado de São Paulo, vi uma foto da tela Peixe (1946), que encontra-se no Palácio Boa Vista, na cidade serrana de Campos do Jordão. O mesmo se deu com o óleo Meninos com Bola (década de 1940), da Coleção Itaú.

Minha curiosidade em saber mais da vida e da obra dele só aumentava. Ao decidir fazer o doutorado, o tema já estava definido: iria analisar a trajetória de Carlos da Silva Prado (1908-1992), mais conhecido por Carlos Prado, membro de duas importantes famílias da elite paulistana: os Silvas Prados e Penteados. Assim, ele estava ligado pelo parentesco, mesmo que distante, a três grandes incentivadores das artes do século XX: Paulo Prado, que manteve nos anos 1920 um salão cultural em sua casa de Higienópolis, frequentado por intelectuais e artistas como Mário e Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Graça Aranha, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, o escritor Paulo Duarte, dentre outros, além de ter atuado na organização da Semana de Arte Moderna de 1922; Olívia Guedes Penteado, mecenas dos modernistas até sua morte em 1934; e Yolanda Penteado, à frente das Bienais de São Paulo, de 1951 em diante.

Além disso, conhecia muita gente do meio. Ainda jovem, Carlos Prado frequentou as reuniões promovidas por Carlos Pinto Alves em sua biblioteca particular, juntamente com Mário de Andrade, Murilo Mendes, Gilberto de Andrade e Silva, os irmãos Tácito e Guilherme de Almeida, os pintores Quirino da Silva, Antônio e Regina Gomide, o arquiteto Gregori Warchavchik, e os irmãos Alves de Lima. E manteve amizade com os artistas plásticos Bruno Giorgi, Arthur Pizza e Vitorio Gobbi.

Em outros termos, ele era detentor de variados trunfos: a origem familiar, a formação em bons colégios no Brasil e na Inglaterra, as vivências no exterior, a breve militância política no Partido Comunista do Brasil (PCB), o bom trânsito em esferas sociais distintas (relacionava-se tanto com membros da elite econômica, bem como com operários) e o acesso aos dirigentes culturais.

Ademais, Carlos foi atuante no Modernismo como artista plástico, arquiteto e teórico da arquitetura funcional. Ao longo da carreira, a obra dele teve maior relevância nos meios artísticos e oficiais do Estado de São Paulo, sendo consagrado pela crítica especializada antes mesmo que pelo público. Conquistou ainda em vida o respeito de algumas figuras emblemáticas das artes modernas de nosso país, como Pietro Maria Bardi, Geraldo Ferraz, Quirino da Silva, Sérgio Milliet e Paulo



2



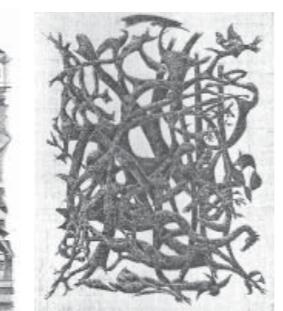
3



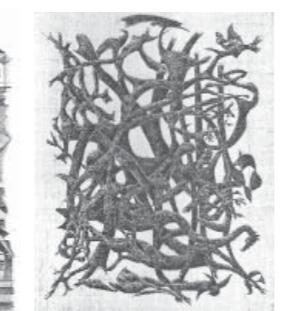
4



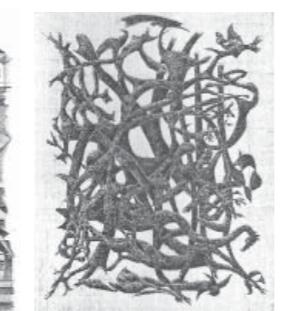
5



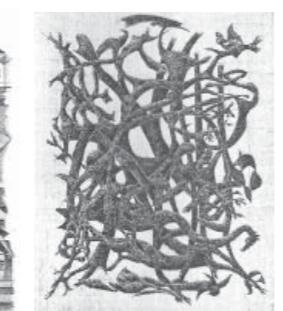
6



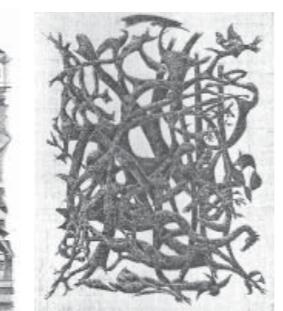
7



8



9



10

caminhões, que demonstra o vaivém das multidões, os trabalhadores organizados em filas diante das indústrias, em uma referência ao enorme contingente de operários existentes na metrópole, formam o rol de fontes primárias, além de vinte e oito cartas com informações pessoais, as quais pertencem atualmente ao IEB-USP e que fazem parte do arquivo Caio Prado Júnior. Ou seja, utilizamos a correspondência que manteve com o irmão e a de Caio com os pais, além de fotos que compõem os álbuns de família. Pesquisei, ainda, o Arquivo do Estado de São Paulo e os prontuários do DEOPS no período em que Prado foi vigiado pela polícia política (1932-1933), porque ele militava no PCB, era membro da Sociedade de Socorros Mútuos Internacionais (SSMI), dirigia o CAM e viajara para a União das Repúblicas Soviéticas.

As análises dos jornais da época foram de grande valia, uma vez que deram as informações necessárias para sedimentar aquelas encontradas nos arquivos do artista, em especial quando contestava os críticos de arte. Concentrei a pesquisa nas colunas de arte publicadas tanto na Folha de São Paulo como em O Estado de São Paulo, além de Os Diários Críticos, de Sérgio Milliet.

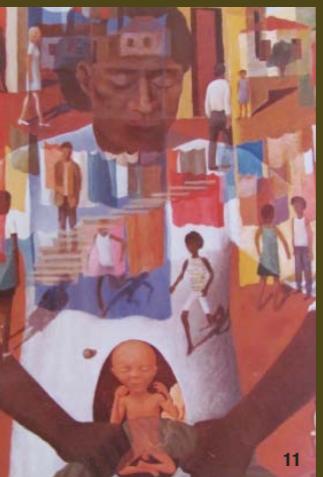
O período tratado, aparentemente longo (entre 1932 e 1992), torna-se possível pois o conjunto da obra de Carlos Prado é relativamente pequeno dada à circunstância de que o artista era extremamente rigoroso consigo mesmo, consequentemente executava lentamente todas as etapas através das quais se desenvolvia e se cumpre a criação artística, da idealização, da fase fermentativa, por assim dizer, até a feitura propriamente dita. Para Paulo Mendes de Almeida, o relógio particular de Carlos "poderia prescindir da indicação dos segundos e dos minutos, bastaria que marcassem dias ou anos".

De acordo com as fontes, é possível afirmar que Carlos Prado foi um pintor do Modernismo paulista, que adotou a temática popular e social durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, imprimindo em seus trabalhos uma visão idealizada do passado sob o ponto de vista de um aristocrata, e que absorveu a ideia de "basilidade" nas artes plásticas defendida pelos críticos Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

Embora seja reconhecido como artista social, vale lembrar que o maior prêmio ao longo da carreira foi uma Menção Honrosa, recebida no tradicional III Salão Paulista de Belas Artes (1935), pela obra Caminho de Cotia (1935), uma paisagem de caráter naturalista, de terras ainda virgens, onde só aparecem morros e uma vegetação local, sem nenhum tipo de construção. Vinte anos depois, o artista pintou o óleo Paisagem de Cotia (1955). Na imagem atualizada vemos no lugar de morros, uma pequena cidade desportada.

Além da análise do conjunto da obra de Prado, detectei os motivos para o afastamento dele do sistema das artes nos anos 1960, quando nada produziu ou expôs, retornando às atividades artísticas na década seguinte, possivelmente porque nos anos 1970 ocorreu "uma nítida retração da produção e recepção da crítica de arte". Logo no início da década, Mário Pedrosa que desde meados de 1940 vinha apoiando a arte abstrata, havia deixado o Brasil, passando a viver exilado no Chile, durante o governo de Salvador Allende. Além disso, houve a consagração máxima da Semana de Arte Moderna por ocasião das comemorações de seu cinquentenário, em pleno período da ditadura militar, tornando-se um fenômeno de interesse oficial e popular. O Modernismo, por sua vez, virou tema de documentários, filmes de ficção, peças de teatro, etc. O Instituto Nacional do Livro publicou a obra completa de Mário de Andrade. A Revista Cultura dedicou um número inteiro ao Modernismo, com ensaios de renomados pesquisadores. O MASP, contando com o apoio de Pietro Maria Bardi, montou uma grande exposição, retomando as obras de artistas ligados à Semana. Ou seja, a valorização dos modernistas só consolidou-se no início dos anos 1970, quando passou a fazer parte do calendário oficial da cultura brasileira e foi visto como uma das mais valiosas tradições.

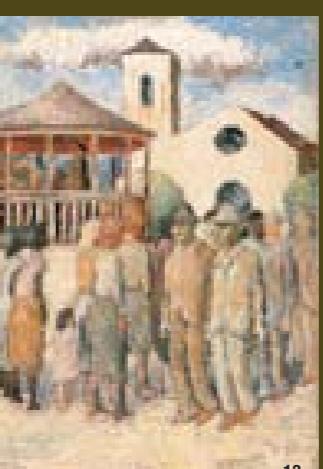
Não é mera coincidência o fato das aquisições de obras assinadas por Carlos Prado, para compor as já citadas coleções do Palácio Boa Vista, do MAM e da Pinacoteca Municipal, deram-se exatamente nessa época. Daí em diante, o artista seguiu trabalhando com a sobreposição de imagens, técnica adotada ainda na década de 1950, onde os elementos se organizam uns por cima de outros para expressar uma interação. Após 1975, suas obras voltaram a figurar em mostras coletivas. Em maio de 1976, o MASP realizou uma retrospectiva de seus trabalhos. Nos anos 1980, Prado produziu abstrações expressionistas, assustadoras e complexas, resultando em um emaranhado sem fim. Entre os dias 18 de dezembro de 1980 e 30 de janeiro de 1981, deu-se a quinta mostra individual, promovida pela Galeria José Duarte de Aguiar, em São Paulo, onde ele apresentou quarenta desenhos, que efetuara desde 1935.



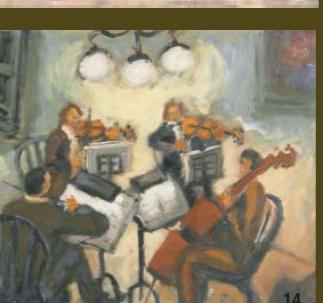
11



12



13



14

Nunca teve alunos e nem assistentes, não institucionalizando uma relação com os mais novos e nem conseguindo multiplicar o seu saber artístico, embora pintores iniciantes o procurassem para pedir orientações. Carlos não deixou seguidores, faleceu em 1992, decorrente de um câncer.

Resumidamente, o meu interesse desde o início foi o de elucidar aspectos da vida, da produção artística nas mais distintas concepções, e revelar os motivos do descontentamento de Carlos Prado com os críticos e instituições, nos anos 1960. Para tanto, analisamos as origens sociais, os ambientes frequentados, os vínculos afetivo-familiares, a formação acadêmica e o breve período de militância política no PCB e na SSM. A partir dessas reflexões pude responder questões cruciais, tais como: Por que Carlos Prado não fez sucesso junto ao grande público se for consagrado pela crítica? Por que suas obras, embora se encontrem nos principais museus de São Paulo são pouco conhecidas? Por que é considerado um artista isolado, apesar de ter participado de vários salões, exposições nacionais e internacionais importantes, além de três edições da Bienal Internacional de São Paulo (1951, 1953 e 1985)? Como se explicam as oscilações em sua carreira? E as aproximações e os afastamentos com relação às vanguardas? Qual foi a maior contribuição deixada por ele?

Entendo que a trajetória de Carlos Prado foi multifacetada, diversa e longa. As oscilações percebidas no conjunto dos trabalhos, principalmente dos anos 1970 em diante, são fruto da experimentação (técnicas e estilos), uma vez que não se enquadrava mais em instituições ou não se afinava a qualquer tipo de grupo ou estilo. A causa final das obras era o prazer pessoal, somado à aspiração de sair do anonimato, assegurando uma almejada reputação. Seus trabalhos tiveram como destino as residências de familiares, o acervo de museus paulistas e, frequentemente, são oferecidos em leilões.

Possivelmente, a maior contribuição de Carlos Prado para as artes nacionais foi a representação da rua como cenário da vida e das forças sociais, políticas, econômicas e culturais da cidade; onde se encontram os aspectos do mercantilismo, do capitalismo, as consequências das descobertas científicas e da revolução industrial. Assim, mostrou como a urbe estava estreitamente ligada a um conjunto cultural.

LEGENDA DAS IMAGENS: 1) Carlos Prado, Auto-retrato, 1943, óleo sobre tela, 45 x 62cm • 2) Carlos Prado, Família, 1946, desenho, 52 x 43cm • 3) Carlos Prado, Operário de Chapéu, década de 1940 • 4) Carlos Prado, [Mendigo], 1939 • 5) Carlos Prado, Enterro, 1936, óleo sobre tela, 91 x 134cm • 6) Carlos Prado, Pirapora, 1935 • 7) Desenho de Carlos Prado, à caneta tinteiro, medindo 51 x 36,5cm, intitulado A Fila, da série Sinfonia da Cidade, de 1954 • 8) Gravura "Raio de Luz", 1958 • 9) Carlos Prado, S. T., 1982, nanquim, 32 x 41cm • 10) Carlos Prado, S. T., 1982, nanquim, 47 x 41cm. Também apresentada em A Cor e o Desenho do Brasil (1984), com curadoria de Radha Abramo • 11) Carlos Prado, Maternidade, década de 1970 • 12) Carlos Prado, Paisagem (Itanhaém ou Paisagem com Igreja), 1942, óleo sobre madeira, 48 x 69 cm • 13) Carlos Prado, Coreto na Praça, 1941-1943, óleo sobre placa, 122 x 87 cm • 14) Carlos Prado, Orquestra, óleo, 60 x 71cm, década de 1950.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Mendes de. Carlos Prado. Catálogo Individual, São Paulo, MAM, 1976, texto de abertura. MILLIET, Sérgio. Diário Crítico (1940-1943). São Paulo, Editora Brasiliense, 1994. BARROS, José D'Assunção. "Mário Pedrosa e a Crítica de Arte no Brasil". A.R.S. São Paulo, vol. 6, no. 11, 2008. COELHO, Frederico. A Semana sem Fim. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2012, p. 20.

VEÍCULO #6

ProC0a2014

Projeto **Círculo Outubro** aberto outubro 2014

CASA AMARELA

Espaço Amarelo Arte Cultura
ACERVO IAED
Ponto Solidário Café da Casa

